



Imagem e autoimagem: o trabalho de artista

Image and Self-image: Artist's Work

Dra. Maria do Carmo Couto da Silva

Como citar:

SILVA, M.C.C. Imagem e autoimagem: o trabalho de artista. *MODOS. Revista de História da Arte*. Campinas, v. 3, n. 2, p.290- p.290-295, mai. 2019. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4201>>.

DOI: <https://doi.org/10.24978/mod.v3i2.4201>.

Imagem: Detalhe de "Pintando do natural", 1937, de Antonio Parreiras, óleo sobre tela. Acervo do Museu Antonio Parreiras, Niterói, RJ. Fotografia: E.D.G. Oliveira.

Imagem e autoimagem: o trabalho de artista

Image and Self-image: Artist's Work

Dra. Maria do Carmo Couto da Silva*

Resumo

Comentário sobre a exposição *Trabalho de artista: imagem e autoimagem (1826-1929)*, realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo de 8 de dezembro de 2018 a 25 de fevereiro de 2019. A exposição, organizada em torno de quatro eixos principais (As personas do artista, O ateliê como motivo, Alegorias do ofício e O artista e o modelo), deu ao público a oportunidade de conhecer ou rever importantes obras. A mostra também serve como oportunidade para refletir acerca da pesquisa sobre estes temas no campo da história da arte no Brasil.

Palavras chave

Retrato; Autorretrato; Ateliês de artista; artistas e a modelo.

Abstract

Commentary about the exhibition *Artist's work: image and self-image (1826-1929)*, held at the São Paulo Pinacoteca from December 8, 2018 to February 25, 2019. The exhibition, organized around four main axes (The artist's personas, The studio as a motif, Allegories of the craft and The artist and the model), gave the public the opportunity to know or review important artworks. The show also serves as an opportunity to reflect on the research about these subjects within the discipline of Art History in Brazil.

Keywords

Portrait; Self Portrait; Artists' Ateliers; Artists and Models.

A exposição *Trabalho de artista: imagem e autoimagem (1826-1929)* realizada na Pinacoteca de São Paulo, de 8 de dezembro de 2018 até 25 de fevereiro de 2019, ocupou quatro salas do 1º andar da Pina Luz. A mostra teve a concepção curatorial da pesquisadora Fernanda Pitta, da Pinacoteca de São Paulo, e co-curadoria das pesquisadoras Ana Cavalcanti (UFRJ) e Laura Abreu (MNBA). Apresentou um conjunto de cerca de 120 obras, entre pinturas, esculturas, gravuras e desenhos, contando com 33 artistas do século XIX e do início do XX. A exposição foi organizada em torno de quatro eixos principais: As personas do artista, O ateliê como motivo, Alegorias do ofício e O artista e o modelo. A mostra foi acompanhada por imprescindível catálogo.

O tema e seus desdobramentos são por si bastante instigantes, tratando-se de assuntos ainda pouco explorados na pesquisa histórica no Brasil. O visitante acaba por tomar contato com uma vasta quantidade de autorretratos produzidos em diferentes épocas do século XIX e início do XX no Brasil, percebendo assim a importância desse gênero de trabalho, que possui uma longa tradição na história da arte.

O gênero artístico do autorretrato apresenta diversos aspectos sobre a maneira como o artista quis se representar para o público e para a sociedade em que viveu, sobre os recursos plásticos que utilizou, sobre a representação ou não de seu ateliê e de seus instrumentos de trabalho em sua obra. Na mostra, temos autorretratos de vários artistas, realizados ao longo do extenso período que a exposição cobriu.

A curadoria procurou trazer autorretratos de mulheres artistas, como Georgina de Albuquerque e Beatriz Pompeu de Carvalho, acompanhando a crescente valorização feminina em pesquisas recentes no campo da história da arte. Foram também exibidos quadros em que são apresentadas artistas trabalhando nos ateliês, como na tela de Pedro Weingärtner, *No ateliê* (1884), em que se vê uma jovem a pintar uma tela, palheta ao colo, segurando um pincel enquanto parece observar o modelo com atenção.

Vários artistas realizaram autorretratos ao longo de suas trajetórias. É o caso do pintor Eliseu Visconti, que se representa como um jovem orgulhoso, consciente da relevância de sua obra. Eliseu Visconti inclusive brincou com o tema em um quadro relativamente conhecido, não presente na mostra, em que se representa em três posições diferentes.

Em paralelo, nas vitrines da exposição temos alguns materiais de artista presentes no acervo, como palhetas com restos de tinta. Ideia e materialidade, o artista se afirma por suas obras, por sua técnica e pelo manuseio de seus instrumentos.

A representação do ateliê também é um tema novo na história da arte brasileira. Em 2017, Arthur Valle, Camila Dazzi e Isabel Portella organizaram um colóquio sobre o tema e, posteriormente, uma publicação. Dessa forma, temos uma visão mais abrangente do tema do ateliê em nossa história da arte, ligada à “construção da imagem do artista” (Valle; Dazzi, 2017: XI), para a qual a exposição vem contribuir imensamente.

Na exposição, encontramos, entre outros, um desenho do ateliê de Alvim Correa, artista ainda pouco estudado na história da arte brasileira, com suas baionetas e fuzis enfileirados no mezanino, como que a atestar o gosto por uma pintura militar, advindo do estudo com Jean-Baptiste Édouard Detaille (1848-1912) e no contexto da realização das ilustrações da *Guerra dos Mundos* (1903), como nota Martinho Júnior em texto recente sobre a mostra.

Representações de ateliês que falam da experiência da formação em Paris, no estudo de modelo nu como em *Atelier parisiense* (1880), de Almeida Júnior, prática ainda não muito comum no Brasil naquele período, ou ainda da distância do lar, na viagem motivada pelo aperfeiçoamento em outro país, tema de *Longe do lar* (1884), de Benedito Calixto, em que o artista se representa no momento em que deixa o trabalho de pintura para ler uma correspondência. Concentrado, a mão apoiada na cabeça, o ateliê em penumbra, Calixto remete à iconografia do santo isolado em seu *studiolo* e fala da obra de arte que nasce em meio à dor da saudade de casa e do país de origem.

Outro quadro interessante sobre o mesmo tema, mas em que é criado um jogo de imagens entre modelo, artista e formas de representação do modelo, assim como sobre as técnicas da pintura, é *No Atelier* (1918), de Arthur Timotheo da Costa, que revela nuances de um tema aparentemente simples.

Da mesma forma, autorretratos e notáveis retratos de amigos presentes na exposição nos fazem pensar não só na autoimagem como ainda nas interessantes relações que permeiam o meio artístico, entre amizades e embates estéticos. Como um território novo, ainda a ser desbravado pelos pesquisadores, é possível perceber as representações de amigos e de parentes, como no caso do retrato de Arthur Timotheo da Costa feito por Carlos Chambelland, do retrato de João Timotheo da Costa pintado por Rodolfo Amoedo e o busto feito como homenagem para Rodolfo Bernardelli por Amadeu Zani, ao lado do próprio autorretrato do artista. Finas tessituras, afinidades eletivas entre artistas e tendências da história da arte.

No sentido de trazer maiores possibilidades sobre o tema, a curadoria exibiu em vitrines alguns livros e revistas digitalizadas que permitem dimensionar a crescente importância dada à figura do artista no início do século XIX, assim foram disponibilizadas ao público algumas reportagens sobre os artistas e seus ateliês, publicadas em importantes jornais e revistas brasileiras, como *Ilustração Brasileira*, e também a série de entrevistas realizadas por João Anygone Costa em 1926, posteriormente publicadas no livro *A inquietação das abelhas*.

Após percorrer a exposição, o público sai também conhecendo um pouco mais acerca de alguns artistas como o pintor Rodolfo Amoedo e Arthur Timotheo da Costa, dada a relevância dos quadros de sua autoria apresentados. No caso de Amoedo, vemos representado em tela seu estúdio em Paris no final do século XIX, o sofá azul em destaque, um delicado leque no vaso japonês, em um canto. Cadeiras e outras peças de mobiliário nos fazem ver o ateliê como cenário para futuras pinturas, retratos ou cenas de gênero. No plano de fundo, uma pequena estátua e vários desenhos nos remetem ao universo do artista, de seus inúmeros esforços, esboços e projetos para cada obra. O pintor permite que o público acesse delicadamente seu local de trabalho, que mais do que apenas um *métier*, é um universo sensível.

Na mostra temos ainda um outro esboço de seu ateliê, onde se percebe o fino aprendizado de uma pintura de temas quase tateis, em que o artista busca representar com primor a maciez do tapete, e por fim, é possível vermos o quadro *Estudo de Mulher*. Nele, Amoedo ambienta a modelo em seu ateliê, nua, e de uma carnalidade muito delicada, assim como representa o suave tapete e tecidos nobres que envolvem a mulher e compõem ambiente de uma leve sensualidade. O artista desloca o nu erótico da pintura francesa oitocentista para o espaço cenográfico do seu ateliê. Ali, o ateliê se apresenta como o local do ofício do artista, não o local da habilidade técnica, mas onde se projeta a pintura que nos prenderá pela proposta, visualidade e fatura.

Há na mostra ainda o ateliê do escultor, com seus andaimes, suas coleções de modelos, moldes e obras já realizadas. Percebe-se, na representação, a sensação de dureza da pedra, a habilidade na realização do modelo, as fases do trabalho do escultor, e, especialmente, a monumentalidade das estátuas realizadas, como no caso do retrato de Eduardo de Sá, feito por Arthur Timotheo da Costa em 1910. Nesse gênero de pintura é possível reconhecer obras consagradas do escultor, modelos em gesso ou ainda instrumentos de trabalho presentes naqueles ateliês, gerando um discurso do artista sobre a produção da arte.

Há ainda a proposição do ateliê do artista como lugar de pequenas historietas, anedotas brincalhonas, como na pintura *O importuno* (1898) de Almeida Júnior, onde a modelo se esconde em roupas íntimas enquanto o artista atende a porta. É um quadro que fascina pela sua perfeição técnica e ludicidade e revela vínculos do artista com a arte italiana oitocentista, presentes no quadro *La moglie di un pittore ingelosita* (1873) [A mulher do pintor enciumada], de Giacomo Fravretto, em uma mulher espia o interior do ateliê, desconfiada da relação do marido com a modelo.

Dessa forma tratou-se, sem dúvida, de uma exposição importante para a história da arte no Brasil e que trouxe uma série de possibilidades de compreensão acerca da arte do século XIX e especialmente de como o tema do ateliê do artista, seus autorretratos e retratos de colegas estão atrelados a uma nova visão sobre o próprio artista e sobre a arte que se anuncia para o século que veio a seguir.

Referências

COSTA JUNIOR, Martinho Alves da. Ateliê do artista. Disponível em: <<http://amavelleitor.blogspot.com/2019/01/ateli-e-do-artista.html>>. Acesso em 20 abr. 2019.

COSTA, Angyone. *A inquietação das abelhas. O que pensam e o que dizem os nossos pintores, escultores, architectos e gravadores,*

sobre as artes plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & CIA, 1927.

VALLE, A.; DAZZI, C.; PORTELLA, I. (orgs.). *Oitocentos. Tomo IV: O Ateliê do Artista.* Rio de Janeiro: CEFET/RJ, Dezenovevinte, 2017.

Nota

* Docente no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. E-mail: mariadocarmo.couto@gmail.com.

Texto recebido em dezembro de 2018. Aprovado em março de 2019.